

Estudios sobre el **Mensaje Periodístico**

ISSN-e: 1988-2696

<https://dx.doi.org/10.5209/esmp.71268> EDICIONES
COMPLUTENSE

Desconstruir notícias e estereótipos: reflexões feministas sobre as instâncias da produção, da circulação e da recepção dos discursos jornalísticos

Elizângela Noronha¹, Leticia Campos² y Rafaela Souza³

Recibido: 1 de septiembre de 2020 / Aceptado: 10 de octubre de 2021

Resumo. Este artigo tem como objetivo (re)pensar os processos de produção, circulação e recepção dos conteúdos noticiosos enquanto recurso crítico na construção das identidades de gênero e sexualidade. Utilizamos como objeto de estudo três notícias, analisadas pelas lentes da Análise Crítica Feminista do Discurso (Lazar, 2007), assim como as leituras e discussões acerca desses textos coletadas durante *Think tank* realizado no “Colóquio Internacional e Escola de Verão Género, Comunicação e Ativismos”, na Universidade de Coimbra. Com esta pesquisa, de caráter exploratório e que utiliza a desconstrução de notícias como estratégia para fazer refletir sobre a naturalização dos estereótipos de gênero e sexualidade presentes nas publicações jornalísticas, identificamos a reiterada aniquilação simbólica das mulheres, nos termos propostos por Gaye Tuchman (2009), nas/a partir das notícias.

Palavras-chav: Estereótipos; notícias; *Think tank*; literacia; jornalismo.

[en] Deconstructing news and stereotypes: feminist reflections on the production, circulation and reception instances of journalistic discourses

Abstract. This article aims to (re)think the processes of production, circulation and reception of news content as a critical resource in the construction of gender and sexuality identities. We analyzed three news as object of study, through the lens of the Critical Feminist Discourse Analysis (Lazar, 2007), as well as the readings and discussions about these texts collected during the *Think tank* held at the “International Colloquium and Summer School Gender, Communication and Activisms”, at the University of Coimbra. This is an exploratory research and uses the deconstruction of news as a strategy to reflect on the naturalization of gender and sexuality stereotypes present in journalistic publications. Through this exploratory research, which uses the deconstruction of news as a strategy to reflect on the gender naturalization and sexuality stereotypes present in journalistic publications, we identified the systematic symbolic annihilation of women, in the terms proposed by Gaye Tuchman (2009), in/from the news.

Keywords: Stereotypes; News; *Think tank*; literacy; journalism.

Sumario. 1. Introdução. 2. (Des)construir notícias e leituras. 3. Análises. 3.2. Discursos situados. 3.3. Interseccionalidade em causa. 4. Considerações finais. 5. Referências bibliográficas.

Cómo citar: Noronha, E., Martins, R., & Campos, L. (2022). Desconstruir notícias e estereótipos: reflexões feministas sobre as instâncias da produção, da circulação e da recepção dos discursos jornalísticos. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico* 28 (1), 621-637. <https://dx.doi.org/10.5209/esmp.71268>⁴

1. Introdução

A aniquilação simbólica das mulheres nos e pelos media (Tuchman, 2009) vem sendo apontada e denunciada há muitos anos por teóricas (ver, por exemplo, Byerly & Ross, 2008; Rosalind Gill, 2017; Ross, Boyle, Carter, & Ging, 2018; Steiner, 2012, 2017) que se debruçam sobre a comunicação nas mais diversas plataformas. Em seus trabalhos, elas se pro-

põem a lançar seus olhares feministas sobre o papel que a comunicação tem na/para a construção das diversas realidades sociais mas, sobretudo, nas consequências que os fazeres e dizeres formatados como notícias têm para as mulheres.

Buscamos inspiração nestas reflexões para desenvolver o presente artigo a partir de uma experiência de *Think tank*⁴, resultante de uma atividade de análise de notícias numa perspectiva de gênero realizada

¹ Universidade de Coimbra (Portugal)
E-mail: elizc.noronha@gmail.com

² Universidade de Coimbra (Portugal)
E-mail: leticiafasc@hotmail.com

³ Universidade de Coimbra (Portugal)
E-mail: rafaelamartins1990@hotmail.com

⁴ Entendemos *Think tank* como “ativismo na formação da agenda da mídia política e institucional e influência da opinião pública quanto a problemas públicos e alternativas de políticas públicas” (Secchi, 2016, pp. 113-114).

no âmbito de um colóquio acadêmico”⁵. Recorremos ao método de entrevista focal que permite investigar como as audiências produzem sentido a partir dos conteúdos mediáticos. As entrevistas focais podem ser um método *per se* de recolher dados numa investigação, mas com mais frequência essa abordagem tem sido usada em conjunção com outros tipos complementares de recolha de dados, como o uso de questionários, etnografia e análises de conteúdo (Hansen & Machin, 2018). É precisamente esta última conjunção de métodos de recolha dos dados que usamos e, para a sua análise e interpretação por parte das audiências (os nossos grupos focais), recorremos à análise do discurso, construindo assim uma triangulação de métodos.

Cabe ressaltar que a nossa proposta de trabalho foi concebida com o intuito de proporcionar um debate entre as/os participantes do evento dirigido para a identificação de como as audiências percebem a comunicação enquanto recurso crítico na construção da identidade coletiva no que se refere às questões de gênero e das sexualidades. Assim, utilizamos as notícias como instrumento-chave para refletir sobre como as representações sociais indiciam não apenas ideologias e relações de poder, mas também os processos de produção e compreensão das audiências (Fairclough & Melo, 2013; Happer & Philo, 2016; Lazar, 2007; Philo, 2007).

Definimos como metodologia de trabalho a realização de momentos distintos de debate em pequenos grupos (com quatro a cinco integrantes) e entre todo o grupo do *Think tank* (composto por cerca de 20 pessoas). Na primeira etapa, os/as participantes foram divididos/as em grupos⁶ e convidados/as a discutir as representações de gênero em fotografias (impressas) fora de seus contextos, ou seja, sem o suporte das matérias que ilustravam. Estas fotos eram imagens de movimentos/manifestações ou montagens de personalidades da política e se relacionavam aos temas e sessões do Colóquio, a saber: invisibilidades, 8M, ativismos on-line e sexualidades. Como mediadoras⁷, buscamos propor questões para que as pessoas fizessem ligações entre os possíveis estereótipos de gênero registrados nas imagens e “como o gênero, em si, é construído dentro de textos” (Silveirinha, 1998, p. 5).

Apenas num momento posterior, foram distribuídas as notícias em que essas imagens estavam inseridas. Nesta nova rodada de debate, os/as participantes puderam rever suas primeiras impressões sobre as imagens, considerando agora os contextos produzi-

dos a partir das notícias e, sobretudo, encontrar estereótipos de gênero construídos nos e pelos discursos situados em contextos geopolíticos diferentes e em fazeres jornalísticos específicos.

2. (Des)construir notícias e leituras

No fim da década de 70, Gaye Tuchman se propôs a investigar as imagens das mulheres nos media e identificou como elas eram subrepresentadas na televisão norte-americana. A autora identificou que as mulheres, quando apareciam, ocupavam funções que muitas vezes não correspondiam à realidade vivenciada. A este fenômeno, a autora denominou aniquilação simbólica das mulheres (Tuchman, 2009), o que tem a ver não somente em como as mulheres são retratadas, mas em como os media dão visibilidade (ou não) às agendas políticas das mulheres e como contribuem para a construção de sua identidade coletiva.

Ao longo desses mais de 40 anos, as críticas feministas aos media continuaram a denunciar as diferentes formas de aniquilação simbólica das mulheres. Como apontam Gill & Toms, “diariamente, o jornalismo tradicional ainda banaliza e sujeita as mulheres a julgamentos ofensivos sobre sua aparência e competência” (2019, p. 98). De fato, a partir deste e de outros trabalhos, pode-se constatar que não faltam exemplos de notícias em que estão patentes a objetificação e a sexualização dos corpos femininos, o controle heteronormativo⁸, o julgamento moral e a trivialização dos interesses pressupostos às mulheres, apesar da crescente visibilidade mediática conferida aos movimentos feministas como argumentam Gill e Toms (2019).

No entanto, para além da identificação destas publicações questionamo-nos se e como esta audiência – qualificada⁹ em termos acadêmicos e políticos – reage ao se deparar com este tipo de texto. Por este motivo, propomo-nos a “estudar simultaneamente os processos de recepção do público antes de fazer julgamentos sobre o significado social e os possíveis impactos dos textos no entendimento do público” (Philo, 2007, p. 184).

Desta maneira, nos aproximamos dos métodos usados na pesquisa sobre mudança climática de Happer e Philo (2016) que recrutaram os grupos focais

com base na sua pertença ao mesmo grupo socioeconômico e ocorrendo naturalmente. Com isto queremos referir-nos aos grupos que normalmente se reuniam e falariam uns com os outros no decurso regular das suas vidas e, portanto teriam uma ligação pré-existente

⁵ Referimo-nos ao Colóquio Internacional e Escola de Verão Gênero, Comunicação e Ativismos, ocorrido nos dias 4 e 5 de setembro de 2019, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.

⁶ A atividade foi realizada entre quatro grupos. No entanto, como a notícia analisada por um destes grupos foi retirada da plataforma que a publicou, decidimos por sua exclusão deste trabalho.

⁷ Em cada grupo foi destacada uma mediadora para propor questões durante o debate e para gravar o áudio das intervenções, analisado pelas autoras a seguir.

⁸ Como define Robinson (2016, p. 1), a “heteronormatividade é o sistema hegemônico de normas, discursos e práticas que constrói a heterossexualidade como natural e superior às outras expressões de sexualidade”.

⁹ Os/as participantes do *Think tank* eram, em sua maioria, estudantes de pós-graduação e integrantes de movimentos ativistas pela igualdade de gênero em Portugal.

que pode ser congregada nos grupos. [...] Incluímos grupos com interesses específicos [...] (Happer & Philo, 2016, p. 140).

Com efeito, também os membros dos nossos grupos focais têm uma ligação pré-existente, que é o seu interesse sobre as matérias do colóquio, além da sua idade, portanto, a sua reunião ocorreria “naturalmente”. Com esta dinâmica, acompanhamos e registramos o processo de circulação dos textos junto dos grupos. Entendemos que nesta abordagem o “conceito de circulação é crucial, pois permite a possibilidade de interação entre elementos do processo e não implica um único ‘fluxo unidirecional’ da parte superior para a parte inferior do sistema, ou seja, da produção à recepção” (Philo, 2007, p. 194).

Para o efeito, fundamentamo-nos na Análise Crítica Feminista do Discurso por

mostrar os modos complexos, sutis e, às vezes, não tão sutis, nos quais as suposições de gênero e as relações de poder hegemônicas frequentemente tomadas como garantidas são discursivamente produzidas, sustentadas, negociadas e desafiadas em diferentes contextos e comunidades (Lazar, 2007, p. 142).

Assim, partimos para as análises dos textos e das discussões realizadas tendo em mente os cinco princípios fundamentais da ACD Feminista definidos por Lazar (2007) e que consistem em:

- Ativismo analítico feminista, ou seja, numa análise do discurso capaz de identificar e mostrar “o funcionamento do poder que sustenta estruturas / relações sociais opressivas” (2007, p. 145). Neste caso, vamos investigar como a própria construção da notícia contribui para a consolidação dos estereótipos de gênero e sexualidades nas e pelas notícias;
- Compreender Gênero como estrutura ideológica, ou seja, “como uma estrutura ideológica que divide as pessoas em duas classes, homens e mulheres, com base em uma relação hierárquica de dominação e subordinação, respectivamente” (2007, p. 146). Vamos identificar se/como a diferença sexual impõe uma dicotomia social entre mulheres e homens a partir dos textos.
- Perceber a complexidade das relações de gênero e poder e, portanto, “examinar como o poder e o domínio são discursivamente produzidos e/ou (contra-)resistidos de várias maneiras através de representações textuais de práticas sociais de gênero” (2007, p. 149). Vamos procurar expressões do poder e/ou da resistência a ele, sobretudo a partir da hierarquização de gênero ou, em contrapartida, do seu questionamento.
- Discurso na (des)construção do gênero, ou seja, “em como a ideologia de gênero e as relações de poder de gênero são (re)produzidas, negociadas e contestadas em represen-

tações de práticas sociais, nas relações sociais entre as pessoas e na identidade social e pessoal das pessoas em textos e conversas” (2007, p. 150). Este ponto será abordado a partir das análises dos grupos, quando as representações de gênero e sexualidade presentes nas notícias foram discutidas entre seus integrantes e diferentes posicionamentos foram levantados.

- Por fim, a reflexividade crítica como práxis diz respeito à possibilidade de intervenção nas práticas institucionais e como exercício de auto-reflexividade crítica. Esta reflexividade surge neste trabalho tanto por possibilitar a reflexão entre profissionais e investigadores dos media que estiveram presentes na atividade e, desde então, podem despertar para a necessidade de realizar mudanças em suas práticas e percepções jornalísticas; quanto para as autoras deste trabalho, beneficiadas pelo olhar alargado e plural fornecido por meio do Think tank.

Alguns autores têm sido críticos do modo como na Análise Crítica do Discurso há uma tendência para retirar conclusões sobre a ideologia baseadas apenas na análise textual, uma vez que nos estudos dos media se tem repetidamente demonstrado que muito do que se encontra no conteúdo mediático pode ser explicado pela natureza dos processos de produção, valores institucionais ou pela socioeconomia dos media, tanto como pela ideologia (Hansen & Machin, 2018, p. 142). Entre estes autores encontra-se Greg Philo (2007), um dos autores do Glasgow University Media Group que procurou indagar as condições em que as mensagens do media produzem, por vezes, mudanças significativas no comportamento dos seus receptores. Philo, além disso, não apenas questionou a ACD com bases puramente textuais, mas criticou também a ausência de atenção aos fatores de produção e a falta de envolvimento no modo como aqueles que leem, veem e ouvem os textos os recebem e os compreendem.

A nossa análise e métodos, portanto, levam em consideração estes aspetos que vão além da análise textual e centram-se antes na observação da circulação das mensagens, ou seja, nas negociações de sentido entre textos e audiência, tomando também especial atenção aos momentos de produção dos textos. Esses foram os focos de discussão entre os integrantes de cada pequeno grupo e no debate aberto entre os grupos, com vista ao desbravamento dos discursos, das ideologias e das relações de poder – e de gênero e sexualidades – materializadas nas representações propostas nos e pelos textos multimodais. Conjugamos assim aspectos referentes à circulação das mensagens mediáticas (Philo, 2007), com os aspectos referentes ao caráter ideológico dos textos capaz de vincular os aspectos “micro” (textuais) e “macro” (das redes de práticas), como defende Fairclough (2013) na ACD.

3. Análises

Na seção a seguir, discutiremos as três notícias apresentadas aos/às participantes do *think tank*, trazendo *insights* das discussões realizadas naquele momento, assim como considerações resultantes de nossas observações durante a realização do *think tank*, além das nossas leituras das notícias. Com este percurso, assumimos o posicionamento epistemológico de desnaturalizar nossos olhares enquanto pesquisadoras, como refere Haraway (1995), e, portanto, articulamos nossos conhecimentos e experiências enquanto mulheres, feministas, pesquisadoras, imigrantes e jornalistas com os critérios analíticos acima explicitados. Sobre as notícias, cabe ainda referir que as mesmas foram escolhidas tendo em conta diferentes estereótipos de gênero mobilizados na seleção das imagens utilizadas para ilustrar o texto jornalístico, além de terem sido publicadas por meios de comunicação de diferentes contextos nacionais (Portugal, Brasil e

Estados Unidos), demonstrando que esta pode ser uma questão transversal ao jornalismo.

3.1. “Olha as feministas como elas são”

A afirmação utilizada como título desta subseção é, na verdade, trecho de intervenção realizada por participante (*Participante 3*) do grupo que discutiu a notícia “*Mulheres se reúnem no 8 de março no Rio e criticam Bolsonaro*”¹⁰, publicada pela plataforma digital brasileira *Universa*¹¹ quando da passagem do Dia Internacional da Mulher, em 2019.

Nessa notícia, a imagem (Figura 1) traz uma mulher jovem, com os seios à mostra, o rosto parcialmente coberto e com símbolos do movimento feminista pintados no dorso e pendurados na orelha. A personagem central da imagem, mantida em anonimato (inclusive no texto), tem as mãos em riste e caminha em cenário urbano que remete a um protesto de mulheres.



Figura. SEQ Figura * ARABIC 1 – Imagem publicada por Universa

Esta descrição foi feita por integrantes do grupo ao receberem esta imagem, sem o contexto noticioso no qual foi publicada. Além destes pontos, os/as participantes perceberam que o destaque dado à jovem traz ambiguidades ao expor o corpo e esconder o rosto, assim como ao sugerir um corpo político utilizado como instrumento de protesto mas que também pode servir para a estigmatização e sexualização das mulheres e, sobretudo, das feministas.

Participante 3 – Colocar ela com essa imagem de corpo de fora, mas que esconde o rosto, aproxima ela (a jovem da foto) dessa ideia de marginal no sentido de quem está à margem, que é pejorativamente tratado. Coloca aqui, olha as feministas como elas são, elas são...(interrupção).

Ao receberem a notícia em que a imagem está inserida (abaixo), o grupo inicialmente fez uma leitura textual atenta e destacou pontos que considerou como falhas:

Participante 1 – Eu acho que isso não é notícia, de certa forma, o que eu considero como notícia. É uma descrição. Recortou frases que ele viu lá, colocou aqui, recortou fa-

las que ouviu e colocou aqui, é uma descrição, tentou contextualizar, mas fez uma contextualização muito insípida.

No entanto, esta não foi uma leitura unânime:

Participante 2 – Eu penso diferente. É uma notícia curta, mas acho que está contextualizando. É o Dia Internacional da Mulher, eles estão contextualizando com as questões do Governo, inclusive colocando onde tem ideologia entre aspas. Colocando porque essas mulheres estavam lá e qual o teor dos cartazes. Nessa marcha, nesse dia, o protagonismo é das mulheres.

Participante 5 – Eu acho que reforça estereótipos. Eu vejo aqui e vejo parágrafos pequenos, ou seja, não tem um texto costurado. Diz aqui a vereadora negra e lésbica. Tem um preconceito absurdo contra negros e lésbicas e como assim sem mais nada e, pronto, passou.

¹⁰ Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/afp/2019/03/08/mulheres-se-reunem-no-8-de-marco-no-rio-e-criticam-bolsonaro.htm> (Link acessado em 13 de outubro de 2021)

¹¹ Universa é uma plataforma digital dirigida a uma audiência feminina e está agregada à Plataforma UOL, o maior provedor de conteúdos e serviços digitais no Brasil.

A ambiguidade apontada na primeira leitura da imagem e marcada na diversidade de interpretações do texto, como foi evidenciado pelos comentários reproduzidos acima, denunciam as disputas de sentido presentes na publicação e identificadas por participantes atentos/as às escolhas lexicais e semióticas da composição. Entretanto, a divergência entre integrantes evidencia também como a monoglossia¹² com que a plataforma apresenta o fato reportado – legitimada na apreciação de *Participante 2* – conflita com as leituras dos/as outros/as participantes, marcadamente heteroglóssicas¹³. Estes/as, por sua vez, são capazes de perceber nas ausências do texto, ou seja, naquilo que deixou de ser dito ou explicitado (como apontado

por *Participante 1*) ou ainda nas formas de dizer mobilizadas no texto (como destacado por *Participante 5*), que a construção da notícia é um processo permeado por escolhas ideológicas. Essa diferenciação, em nossa observação, está relacionada – entre outros fatores – à leitura situada. Enquanto *Participante 1* e *Participante 5* são investigadores e profissionais com atuação no campo da Comunicação e do Jornalismo, *Participante 2* não dispõe desse conhecimento sobre as engrenagens internas dos media e do jornalismo para identificar no texto suas heteroglossias, ou seja, as vozes da cultura patriarcal que atravessam os fazeres jornalísticos (Byerly & Ross, 2008; Silva, 2010; Steiner, 2012).

TRANSFORMA

Mulheres protagonizam um mundo em evolução

Mulheres se reúnem no 8 de março no Rio e criticam Bolsonaro



Imagem: Sérgio Moraes/Reuters



De AFP

08/03/2019 19h30



Milhares de pessoas se reuniram nesta sexta-feira no centro do Rio de Janeiro pelo Dia Internacional da Mulher para reivindicar pautas feministas e protestar contra o governo de Jair Bolsonaro.



Pouco antes da mobilização, a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, criticou a "ideologia" que atrapalha a igualdade entre gêneros e disse que as autoridades agora vão ensinar os meninos a "levar flores" e "abrir a porta" para as meninas.

Figura SEQ Figura * ARABIC 2 – Imagem no contexto da notícia publicada por Universa

Como destaca Fairclough (2003), “os agentes sociais texturizam textos, estabelecem relações entre elementos de textos” (p. 22) imersos numa linguagem que é, antes de tudo, determinada por outros elementos sociais. Assim, é a partir de estreita articulação entre os discursos e as práticas sociais que os textos são produzidos e postos em circulação por atores sociais. Estes textos, por sua vez, podem ser

investigados a partir das “três principais formas pelas quais o discurso figura como parte da prática social – formas de agir, formas de representar, formas de ser” (Fairclough, 2003, p. 26).

Aproximando essas três dimensões do nosso objeto de estudo, identificamos a ação, ou seja, o gênero textual mobilizado na produção discursiva e a relação que estabelece com o evento e com os fatos reportados pela notícia. Já as formas de representar, como dizem respeito aos discursos e suas relações entre entidades discursivas, adotaremos para identificar como os sujeitos discursivos são apresentados discursivamente no texto. E a identificação, relacionada aos estilos e à manifestação de compromissos e

¹² “Formas dominantes de linguagem, representando a visão de mundo / interesses de grupos sociais dominantes” (Francis, 2012, p. 3).

¹³ “A linguagem em sua própria essência é heteroglóssica e dialógica, saturada com referência a diversos “outros” (outros assuntos, o ouvinte / leitor, outros textos / opiniões, outros sistemas de linguagem, etc)” (Francis, 2012, p. 4).

julgamentos, usaremos como lentes para perceber os posicionamentos, sobretudo políticos, apresentados.

Desta forma, no que diz respeito à ação, identificamos – em nossa leitura da notícia – que o evento noticiado é apresentado como: “reunião”, “reivindicação”, “protesto”, “mobilização”, “marcha” e “manifestação”. Essas palavras são utilizadas na notícia em referência às reivindicações das mulheres no Dia Internacional da Mulher e contrárias ao Governo Bolsonaro. No entanto, apesar de serem empregadas como sinônimos, denotam sentidos distintos e acabam por amenizar os atos do Dia Internacional da Mulher quando o texto sugere se tratar de uma “reunião” para “reivindicar pautas feministas”, mas não diz quais são. Além disso, concentra na imagem de uma mulher (presente na fotografia) todas as pautas do evento, individualizando o ato e sintetizando na protagonista da imagem uma representação das mulheres que estiveram presentes ao evento.

A representação dos sujeitos discursivos também está expressa através de uma dicotomização entre a mulher da fotografia, os termos “mulheres”, “mulheres de todas as idades”, “milhares de pessoas”, “manifestante”, “deputada federal amiga de Marielle” de um lado; e Jair Bolsonaro, ministra Damares Alves de outro lado. Entretanto, essa dicotomização, como foi apontado por *Participante 1*, não foi devidamente esclarecida diante da ausência de contextualização acerca das ligações entre o Dia Internacional da Mulher, as reivindicações feministas e os protestos contra o governo Bolsonaro. Estes pontos, obscurecidos no texto, propõem ao menos duas possibilidades mais evidentes: parte-se da pressuposição de que os/as leitores/as são detentores do conhecimento contextual para fazer as ligações ausentes no texto entre as manifestações das mulheres, as pautas feministas e as críticas ao governo Bolsonaro; e/ou há uma preocupação na instância da produção em não aprofundar as críticas ao governo por uma decisão política e editorial.

Este ponto, inclusive, foi alvo do debate. Ao perceberem que o texto é assinado pela Agência France-Presse e a fotografia é de autoria da agência Reuters, o grupo percebeu que a publicação é resultado do churnalismo (Leuven, 2019), ou seja, da reciclagem de notícias já postas em circulação¹⁴ em vez de produzir notícias originais. “Pegaram o texto e simplesmente reproduziram, quando o papel do jornalista não é simplesmente reproduzir”, diz *Participante 5*.

A identificação, expressa a partir dos estilos e na manifestação de compromissos e julgamentos, estão presentes na heteroglossia da imagem identificada pelo grupo e em expressões como “críticam Bolsonaro”, “críticou a «ideologia»”, “vereadora negra e lésbica assassinada”, “reivindicar pautas feministas” ou mesmo ao afirmar que “se viam bandeiras de sindicatos e partidos de esquerda e máscaras do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva”. Nestes exemplos, há uma apreciação do evento como uma manifestação política e partidária,

manifestamente “de esquerda”. Em contrapartida, o presidente Bolsonaro e a ministra Damares Alves são apresentados como alvo de críticas, mas poucas são as informações fornecidas no texto que justificam essas críticas.

Assim, conforme os objetivos traçados a partir dos cinco princípios fundamentais da ACD Feminista, apresentados anteriormente, identificamos que:

No ativismo analítico feminista, a escolha da imagem e do léxico contribuem sobremaneira para a consolidação de estereótipos sobre as mulheres e as feministas como sujeitos políticos e partidarizados, mas assujeitados pela sexualização de seus corpos;

A dicotomização entre as mulheres presentes ao ato do Dia Internacional da Mulher e o governo de Jair Bolsonaro, sem a devida explicitação das motivações para suas críticas, esvazia o que são as pautas feministas e não esclarece porquê são contrárias às políticas da atual gestão brasileira. Desta forma, os sujeitos discursivos são construídos a partir de uma estrutura ideológica na qual os homens e os valores patriarcais exercem poder sobre as mulheres.

A hierarquização de gênero – apesar de não estar expressamente posta nos textos – está proposta no corpo nu exposto na fotografia, mas negligenciado no texto e, portanto, objetificado como um cartaz, camiseta ou broche (alfinete) e utilizado apenas como instrumento para “estampar” palavras de ordem. Aqui, o poder dos media de limitar a agência política das mulheres reforça a percepção de que o movimento das mulheres por direitos e contra o governo Bolsonaro não é representativo.

Já o discurso na (des)construção do gênero, ou seja, em como “relações de poder de gênero são (re)produzidas, negociadas e contestadas em representações de práticas sociais”, observamos que alguns/algumas participantes destacaram a heteroglossia dos textos ao evocar discursos silenciados, mas outros/as participantes legitimaram a monoglossia própria do discurso jornalístico. Essa atividade, enquanto exercício de reflexividade crítica

mostra que devemos ter compromisso com a promoção de uma literacia crítica dos media a fim de dar instrumentos às audiências para ler os textos em toda sua textura, como bem sintetiza *Participante 2*: “Essa experiência foi interessante até para meu trabalho. Foi interessante ouvir a avaliação deles (dos/as demais participantes) e mostrou que eu não posso me deixar influenciar”.

3.2. Discursos situados

A notícia “Brasil eleições em tempos de cólera” publicada no jornal português Diário de Notícias¹⁵ teve uma chamada de capa em destaque naquela edição. Na capa, a fotografia de uma bunda com calcinha e meia arrastão brancas e um adesivo escrito “Ele não” junto com a designação de um partido político de esquerda brasileiro, como mostramos ao lado.

¹⁴ Identificamos que esta mesma notícia foi publicada também no UOL (Universo On-Line) e no site Estado de Minas. Nos três endereços identificados, o texto foi publicado com conteúdo e título idênticos. Apenas em Universa houve a associação do texto a uma fotografia.

¹⁵ Para acesso à capa: <http://capasjornais.pt/Capa-Diario-de-Noticias-dia-07-Outubro-2018-11102.html>. Para acesso à notícia: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/07-out-2018/brasil-eleicoes-em-tempos-de-colera-9961198.html>. (Link acessado em 13 de outubro de 2021)



No primeiro momento, o grupo, formado apenas por mulheres portuguesas, porém com idades que variavam, teve acesso à imagem sem legenda ou qualquer outra referência. As primeiras impressões davam conta de que a imagem possivelmente teria sido tirada durante um protesto, mas passava uma impressão contraditória. A *Participante 1* relata: “no fundo a imagem dá apoio àquilo que parece querer combater”. Continuam a análise justificando que a composição só poderia ganhar signos positivos se representasse um corpo transsexual.

Participante 1 – “Eu só posso ver isso pela positiva se se tratar de uma pessoa transsexual porque aí ganham outros contornos, não é, ou seja, esta não é uma afirmação feminista, mas pode ser um posicionamento de luta das pessoas transsexuais ou LGBTI+”.

Janet Wolff, no já clássico artigo “Recuperando a corporalidade. Feminismo e política do corpo” (2011), traz à reflexão as possibilidades e os limites

que o corpo feminino enfrenta como “lugar” de protesto político e cultural. A autora leva em conta o fato de o corpo ser social e discursivamente construído e que, no caso de um corpo feminino, essa construção vir impregnada de códigos que o identificam como subordinado, passivo e objeto do olhar masculino.

Laura Mulvey, em “Prazer Visual e Cinema Narrativo” (1983), explica como esta perspectiva de construção feminina para o prazer masculino é preponderante no cinema ocidental, principalmente, em seu período clássico. Perceber como as imagens dentro da Indústria Cultural são construídas para o espectador e consumidor masculino, pode oferecer pistas de o porquê de um jornal decidir por utilizar esta imagem em sua capa.

É importante ressaltar que, no segundo momento da atividade, ao apresentar a notícia a que se referia tal imagem (ao lado), as participantes puderam constatar que se tratava de uma matéria sobre a divisão política que as famílias brasileiras viviam às vésperas da eleição presidencial.



Figura. SEQ Figura * ARABIC 4 – À esquerda, miniatura mostra a Figura 3 no contexto da capa do Diário de Notícias

No interior do artigo, as imagens mostravam debates feitos pelos candidatos na televisão, a suposta fachada sofrida pelo então candidato Jair Bolsonaro, e manifestantes nas ruas, uns favoráveis à Bolsonaro, outros favoráveis à esquerda e à campanha “Lula Livre”. Ou seja, o conteúdo da notícia e as imagens interiores da peça não tinham nenhuma relação com manifestações feministas, manifestações de corpos transsexuais ou carnaval, os três possíveis contextos levantados pelas participantes ao terem contato apenas com a imagem de capa do jornal.

Quando pensamos nas negociações de sentido entre o texto, a imagem e a audiência, é imprescindível perceber em que medida essas correlações e contextualizações contribuem ou atrapalham a criação narrativa. Barcelos (2018) explica que o jornalista, como um narrador profissional, expõe na esfera da comunicação especializada elementos e signos já existentes na comunicação do dia-a-dia.

O fotojornalismo, enuncia Barcelos (2018) mais do que ser apenas um “apêndice” ilustrativo da matéria textual, possui a função de “enunciar o mundo visualmente” (p.116). É por isso que, mesmo antes de fornecer um tipo de informação mais objetiva, a fotografia jornalística produz conhecimento e recorta aquilo a que se pretende fazer conhecer (ou esconder). Pelo fato de a foto em si não informar, ela precisa ser avaliada como um discurso sobre a informação:

A informação é pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que a circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento (Charaudeau, 2010, p. 36).

Quando voltamos aos aspectos “micro” (textuais) e “macro” (das redes de práticas) de Fairclough (2013), percebemos que a notícia, considerada pelas participantes satisfatória na sua missão de informar os fatos, perde-se em uma construção de signos que geram confusão quando da tentativa de uma relação com a imagem. Dentro das três principais formas que o autor aponta como partes da prática social nas quais o discurso figura, podemos identificar nas *formas de agir*, o procedimento de recurso ao sensacionalismo do material analisado; nas *formas de representar*, a estereotipia da mulher brasileira lançando mão de uma imagem que não condiz com o conteúdo a ser reportado na matéria e, nas *formas de ser*, o estranhamento causado nas participantes sobre a construção feminina, principalmente quando perceberam que a matéria foi produzida por um jornal português que elas relacionavam a muita credibilidade, ou seja, que para elas constituía um material seguro de construção narrativa da identidade portuguesa.

Antes de ser revelada a fonte da notícia, as *Participante 2 e 4* acreditavam que se tratava de uma mídia brasileira, já a *Participante 1* relata: “Tendo a concordar, mas não estou muito segura. Acho que isso pode acontecer em qualquer lado, em qualquer momento e pode ser em Portugal”.

Todas concordaram que, independentemente de ser uma brasileira, a imagem era pejorativa para qualquer mulher. Reiteraram, também, o fato de tal imagem explorar o estereótipo da mulher brasileira dentro do imaginário português como mais permissiva e promíscua. Minga (2018) aponta que a construção dessa estereotipia passa tanto pela postura do próprio Estado brasileiro como do português. O primeiro, carregado dos signos de sua própria colonização, utiliza a ideia de exotismo e a imagem da hiperssexualização da mulher como meios de promover turismo e interesse internacional criando uma pretensa identidade nacional. O segundo ainda impregnado dos signos da opressão colonizadora que se manifestam também na ideia de construção de um “outro” não civilizado, não europeu, selvagem. A autora conclui:

Fruto de imaginários sociais que em Portugal remontam ao período colonial, a imagem da brasileira carrega o contributo fundamental do luso-tropicalismo, sobretudo por meio de uma das suas principais teses, a miscigenação, incorporado e alçado a ícone tanto pela cultura portuguesa quanto pela brasileira. (Minga, 2018, p. 104).

As participantes enalteciam o fato de a mídia portuguesa ser tradicionalmente mais conservadora e apontaram o Diário de Notícias como uma fonte de informação que é respeitada por sua credibilidade no país. Para elas a matéria é bem escrita e informativa, o que torna a imagem de capa ainda mais deslocada do propósito do conteúdo. Quando questionadas sobre o porquê da opção dos editores do jornal por aquela capa as respostas foram:

Participante 1: “Eu acho claramente que a imprensa portuguesa está dentro de uma deriva de vender a qualquer preço”.

Participante 2: “Eu acho que chama a atenção e, quanto mais chama a atenção, mais as pessoas vão comprar”.

Mais adiante a participante 1 complementa:

Participante 1: “Nos vão habituando de uma maneira; a população portuguesa está a ser sistematicamente habituada a lidar com o exagero, com o excesso, com o provocador, com o corpo feminino como objeto sexual e etc. Estamos a ser aculturados neste tipo de imagens, que não era tradicional, quer dizer, é chocante neste jornal em particular porque associamos o Diário de Notícias à respeitabilidade jornalística”.

Percebe-se, no trabalho feito com este grupo, a importância da sustentação de olhares situados e capacitados para a interpretação das imagens midiáticas. Ao retornarmos ao questionamento feito por Wolff (2011) sobre a possibilidade de uma política cultural do corpo feminino a autora oferece possíveis origens do problema recorrendo ao estudo setecentista de Francis Barker que documenta, na Europa, o processo de cisão entre o corpo e alma e como isso

(na literatura, no teatro, na pintura, nas artes em geral) paulatinamente determinou a privatização do corpo “sendo-lhe negados o apetite sexual e outras necessidades” (Wolff, 2011, p. 104).

Silvia Federici (2017) também aponta o momento da acumulação primitiva do capital como crucial para a formação do corpo trabalhador de homens e mulheres dentro da lógica capitalista. Este novo corpo especializado, é um corpo dominado pela ideologia patriarcal da família heteronormativa branca e longe de ter se estancado no tempo e no espaço, é ainda o corpo normatizado dentro de nossa sociedade.

A consequência da assimilação do corpo privatizado, “perfeito” e estéril como uma estátua, e a rejeição do corpo natural como aquele que possui marcas, rugas, que excreta, que menstrua, que gesta, é a erotização do corpo feminino quando servente ao prazer masculino, mas seu linchamento moral quando servente dos processos naturais (como, por exemplo, a amamentação). Neste sentido dificilmente um corpo feminino que não compactue com o prazer visual masculino estampará a capa de um jornal, por outro lado, um que sirva a este propósito parece ser uma estratégia interessante para as vendas e a atenção do público, como suspeitam as participantes da atividade.

Ao retornar aos cinco princípios fundamentais da ACD Feminista (Lazar, 2007) que servem de guia para a análise do presente artigo, percebe-se que embora a construção textual da notícia não aborde um conteúdo feminista, a discrepância entre o conteúdo e a imagem ilustrativa da capa denunciam relações opressivas na exposição da imagem feminina que, neste caso, serve como uma chamariz para as vendas e como uma estratégia de atenção do olhar masculino, ou seja, existe a forte objetificação e transformação da imagem feminina como mercadoria a ser consumida. Denuncia, também, a presença de hierarquização de gênero em que o público masculino parece ser o alvo principal das vendas, como se mulheres não se interessassem por conteúdos políticos nos jornais.

No nível da recepção do nosso grupo focal, depreende-se a presença da reprodução de alguns estigmas com relação ao gênero e à etnia. No primeiro caso, quando nas falas das participantes fica clara a concepção de que corpos transsexuais desnudos possuem mais credibilidade do que os femininos em seus intentos políticos reiterando a ideia de que o corpo feminino deve preservar sua mitologia imaculada e privatizada. No segundo caso, quando existe a tendência, mesmo que em uma tentativa crítica, de vincular o noticiário brasileiro como mais explorador do sensacionalismo do que o português e de quando se evidencia a ideia de que a sociedade portuguesa ainda associa à mulher brasileira aos signos de hiperssexualidade, permissividade e promiscuidade.

Por fim, o exercício da auto-reflexividade crítica serve para a desconstrução dessa estereotípia criada e para a possibilidade de uma análise profunda crítica sobre o material noticioso posto em avaliação. As participantes concluíram que a escolha da imagem que ilustra a capa do jornal foi equivocada e não

contempla o conteúdo de uma matéria que elas consideraram suficientemente boa ao cumprir com sua função informativa.

Elas tiveram a oportunidade, então, de perceber que nem sempre a problemática da comunicação machista está apenas no conteúdo textual. Ela pode também aparecer nas imagens, nas legendas, na escolha das fontes a serem ouvidas, entre outros inúmeros fatores que são cruciais para a formulação de um noticiário realmente feminista.

3.3 Interseccionalidade em causa

Recorremos à notícia “*Ocasio-Cortez continues Twitter spat with Trump, links GOP to white supremacy*”¹⁶, publicada pela Fox News, para tratar das discriminações multidimensionais influenciadas pelo cruzamento de eixos de identidades sociais experimentadas pelas mulheres. Esta peça trata da polêmica iniciada por Donald Trump ao publicar mensagens no twitter com tom xenófobo, em ataque a quatro congressistas do Partido Democrata, a quem pediu que voltassem para seus países “cujos governos são uma catástrofe completa e total” e que, segundo ele, seriam “corruptos e infestados de crimes”. Embora não tenha citado nomes, o contexto e as referências deixaram claro que o presidente se referia à Ocasio-Cortez, Rashida Tlaib e Ayanna Pressley nascidas nos Estados Unidos, mas de ascendência porto riquenha e palestina, e à Ilhan Omar, nascida em Mogadíscio e chegou no território norte-americano em 1992 como refugiada. Todas são cidadãs norte-americanas e eleitas para a Câmara dos Representantes, em 2018.

Como primeiro ponto a ser destacado, registramos que os/as participantes identificaram o dispositivo do ‘play’ o que significa que a imagem (Figura 5) é um *frame* de um vídeo, construído a partir da seleção de fotografias escolhidas propositalmente para ilustrar a notícia. Este grupo foi composto por cinco pessoas com perfis diversos, entre os quais homens, mulheres, jovens, adultos, heterossexuais, homossexuais, brancos, negros, portugueses e brasileiros. Estes/as participantes chamaram atenção para o incongruente enfoque dado à Ocasio-Cortez, representada ao meio, sendo a única jovem, latina, a olhar para a câmera, focalizada com semblante raivoso e a vestir roupa escura. Em contraste, Bernie Sanders e Nancy Pelosi foram apresentados de roupas claras, numa postura mais calma e com as cores da bandeira dos Estados Unidos no plano de fundo.

Participante 5 – Muitas táticas de manipulação foram utilizadas de maneira disciplinada e estratégica para promover a ideia do imigrante como pessoa apátrida, o que anima grande parte da base republicana.

O relato mostra que a fotografia buscou produzir uma compreensão dotada de contornos próprios so-

¹⁶ Disponível em <https://www.foxnews.com/politics/ocasio-cortez-twitter-trump-gop-white-supremacy> (Link acessado em 13 de outubro de 2021)

bre o problemático contexto instaurado pelo presidente norte-americano na adoção da política de ‘tolerância zero’ ao caso da imigração oriunda do México. Principalmente entre as mulheres, a interpretação é de que o tratamento semântico concedido à Ocasio-Cortez alimenta o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e “outros sistemas discriminatórios que criam desigualdades que estruturam as posições re-

lativas de mulheres” (Crenshaw, 2002, p. 177). Este cruzamento de opressões, leva-nos ao conceito interseccionalidade, cunhado pela advogada afrodescendente Kimberé Crenshaw, em 1989, para denunciar a coexistência das distintas situações de dominação e advertir que outras categorias se sobrepõem ao gênero de tal forma que as opressões (ou privilégios) são vivenciados simultaneamente.



Figura. SEQ Figura * ARABIC 5 – Imagem publicada pela Fox News

A interseccionalidade tem sido a bandeira sob a qual muitas demandas por inclusão e visibilidade são feitas. Esta palavra apareceu em três momentos durante a atividade, tendo sido falada por uma mulher negra/latina e repetida por uma homossexual, ambas inseridas no universo acadêmico, o que mostra, em certo sentido, que estas condicionantes – que criam particularidades muito acentuadas quando falamos em representatividade nos media – são percebidas de maneira mais imediata por quem reconhece conscientemente ou diretamente as formas pelas quais o racismo, o sexismo e outras desigualdades trabalham juntos.

Verifica-se que a leitura dos/as participantes sugeriu que a imagem empreendeu desequilíbrios através de um enquadramento a favor da manutenção de atributos ideológicos coloniais e de dominação, com efeitos de sentido que posicionam a supremacia branca como soberana, conforme indicado na participação abaixo:

Participante 2 – A gente percebe uma intersecção de gênero, raça e idade, já que tem no meio uma mulher latina e jovem, oprimida por dois brancos. De um lado um senhor, que está mirando a presidência e representa toda uma sociedade patriarcal e heterossexual, e do outro uma mulher branca, mais vivida, numa posição de superioridade e aparente rivalidade em relação à Ocasio-Cortez.

Esta também foi a ótica do *Participante 5*, que declarou que a subrepresentação estereotipada de Ocasio-Cortez, com múltiplas discriminações, é uma

realidade do jogo de poder que atua na reafirmação e consolidação do senso comum. A seguinte discussão emerge quando a notícia foi correlacionada a um contexto mais amplo sobre a disparidade de gênero na política.

Participante 5: É possível interpretar que Ocasio retrata um tipo de política que ao mesmo tempo em que é uma expressão de resistência e inovação, exprime uma caricatura de mulher selvagem, histérica, debochada e incapaz.

Dados do Banco Mundial e do Inter Parliamentary Union¹⁷ mostram que os Estados Unidos estão na 99ª posição em participação feminina no legislativo, em uma lista de 187 nações. Apenas 19,4% dos membros da Câmara dos Representantes são mulheres, patamar inferior à maioria das nações europeias e muitos países latinos. Apesar da eleição de 2018 ter sido marcada por um aumento de mulheres eleitas, quando cruzamos com a categoria raça/etnia a estatística cai para cinco deputadas¹⁸.

A escolha da imagem e o uso dos termos “*cuspir*” (em tradução livre) no título e “*briga*” (em tradução livre) ao longo da notícia, associados à

¹⁷ Disponível em <https://data.worldbank.org/indicator/sg.gen.parl.zs> (Link acessado em 13 de outubro de 2021)

¹⁸ Alexandria Ocasio-Cortez, descendente de família porto-riquenha e a mais jovem no Congresso, Ilhan Omar e Rashida Tlaib são as primeiras muçulmanas eleitas, além de duas mulheres de origem indígena, Deb Haaland, da tribo Laguna Pueblo, e Sharice Davids, da tribo Ho-Chunk Nation, que é também a primeira deputada lésbica eleita pelo estado Kansas.

imagem da Ocasio-Cortez, denota sentido de que as mulheres não são socialmente aceitas como qualificadas para ocupar espaços na política. Embora o cargo de deputada renda *status* e respeito, verificamos pela interpretação do *Participante 5* um destino ao castigo como reflexo do ato de ‘abuso’ da “*caloura Nova Yorquina*” (tradução livre) por buscar uma posição engajada enquanto mulher, feminista, jovem e descendente de imigrantes na política norte-americana.

Ao receber a notícia¹⁹ em que a imagem está inserida, o grupo fez uma leitura atenta que provocou indignação ao perceber a pretensão de culpabilizar Ocasio-Cortez como agente da discussão travada na rede social Twitter, quando sua mensagem foi em resposta a uma provocação do Trump. A frase do primeiro parágrafo “*continuou sua rivalidade no Twitter com o Presidente Trump, na segunda-feira, e acusou-o*” (em tradução livre) é um dos exemplos indicados por mais de um integrante, que denunciavam este efeito.



Figura. SEQ Figura * ARABIC 6 – Imagem publicada no contexto da notícia da Fox News

Nesse contexto, o *Participante 2* afirmou que

“Eximir Trump na foto (principal) tem um propósito ideológico, pois o que não é noticiado e não está visível, não existe. Por outro lado, expuseram o Bernie Sanders – que não é mencionado no texto – numa tentativa de endossar a soberania branca na política, transmitindo a mensagem de conflitos dentro do partido”.

O fato de Bernie Sanders estar obscurecido no texto, encarrega os/as leitores/as de um conhecimento contextual para fazer as ligações ausentes no texto; e/ou se traduz numa dicotomização com a Ocasio-Cortez construída na foto.

Segundo *Participante 3*, a atribuição do sentido de rivalidade feminina é nítida na frase: “No domingo, a editora de opiniões globais do Washington Post, Ka-

ren Attiah, culpou as duras críticas de Pelosi às quatro membros progressistas por sua briga com Trump e disse que suas ações lhe deram uma oportunidade para atacar os Freshman Reps” (tradução livre).

A partir da análise das percepções e dos pontos de vista recolhidos dos membros do grupo, no que diz respeito à ação, percebemos que o acontecimento noticiado é narrado como “*declaração*”, “*comentários*” e “*palavras*”. Esses termos são utilizados como sinônimo em referência aos tuítes produzidos pelo presidente Trump, o que atenuam o fato, principalmente, quando comparados com as expressões usadas para caracterizar as respostas

¹⁹ Disponível em <https://www.foxnews.com/politics/ocasio-cortez-twitter-trump-gop-white-supremacy> (Link acessado em 13 de outubro de 2021)

das congressistas: “*continua a cuspir*”, “*continuou sua rivalidade*” e “*briga*”. Desse modo, o processo de construção tentou orientar a leitura não para o ato em si, mas numa tentativa de representar as mulheres como protagonistas pelo desconforto ocorrido no Twitter.

Levando em consideração os cinco princípios da ACD Feminista identificamos que:

No que tange ao ativismo analítico feminista, o destaque dado à Ocasio-Cortez seja na aparência matizada na imagem ou no léxico textual colabora para a reprodução e naturalização com que as mulheres são representadas no âmbito social com uma maior ligação aos sentimentos e à ideia de defeitos. Dito de outra forma, o estereótipo construído neste exemplo cria distorções que equivale a vê-la como uma feminista que está constantemente a brigar, em disputa com outras mulheres e caracterizada por um desequilíbrio indesejável para quem ocupa um cargo público.

A dicotomização está expressa na relação da Ocasio-Cortez com Nancy Pelosi, interpelada pela questão racial, bem como em relação ao Bernie Sanders, que sem ter sido mencionado no texto é estampado na imagem de forma que transmite valores patriarcais de força e razão, atribuídos a uma nação sumpremacista branca.

A hierarquização de gênero está exposta na fotografia e legitimada em vários momentos do texto, construindo um discurso que pressupõem valores de poder pelo prisma da raça, isto é, da opressão elaborada sob aqueles que estão em situação de desvantagem (imigrantes). A narrativa de que Ocasio-Cortez travou uma “*briga*” tanto com uma mulher (Nancy Pelosi), quanto com o Trump reforça a percepção de que ela pode representar um risco para a sociedade americana.

Sobre esse aspeto, recorremos à Teun Van Dijk (2005), que destaca importantes “movimentos funcionais” da prática sociocultural no desenvolvimento de uma estratégia ideológica. Para o autor, o fundamento dessa estratégia é uma polarização entre ‘nós’ e ‘eles’, que condiciona descrição positiva em grupo e descrição negativa em grupo externo (2005), o que acaba por fortalecer valores e julgamentos. Assim, a exclusão das mulheres na política, por exemplo, é sinônimo do machismo enraizado na crença pública de que a mulher não deve ocupar aquele espaço.

Já o discurso na (des)construção do gênero, observamos que a intenção de agenciar o posicionamento não foi propriamente frutífera, a partir da crítica ressaltada pelo *Participante 3*: “A Fox News estava empenhada em retratar negativamente o feminismo a partir de uma rivalidade. De modo que é interessante pensar sobre isso, já que o que mais se vê no Youtube são vídeos de mulheres brigando”.

Segundo a conclusão do grupo “faltou a matéria explorar um contexto da ascensão destas mulheres na câmara dos deputados e como isso vem inco-

modando a quem sempre se manteve no poder. Se tivesse este histórico, o media estaria cumprindo seu papel de formar e informar ao/à leitor/a”.

Conforme assevera Van Dijk (2005), os grupos poderosos podem controlar o discurso público através do acesso definido pelo contexto (cenário, ações, participantes, representações mentais), pelas estruturas do texto (gêneros textuais, atos de fala) e pelos temas (macroestruturas semânticas).

Diante deste panorama não há como ignorar que a notícia apresentada é sintoma de uma realidade jornalística carente de objetividade e imparcialidade, na qual a Fox News, que deveria zelar pela ética e informação de qualidade, ocupa-se primordialmente com seus interesses e diretrizes políticos particulares.

4. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, utilizamos não apenas os nossos olhares empenhados em desvendar as expressões ideológicas nos e a partir dos textos, mas também as leituras atentas, heterogêneas e colaborativas dos/as participantes do *Think tank* (Haraway, 1995). Ao fim desta reflexão – fundada nessa combinação de leituras –, identificamos que os diferentes olhares apontam na mesma direção: a discriminação de gênero e de sexualidade está ideologicamente marcada nas notícias. Vimos isto a partir do enquadramento dado às informações transmitidas, da escolha de personagens e das imagens das notícias, bem como a partir da ligação dos textos aos contextos políticos, socioculturais e econômicos a que fazem referência.

Em cada disputa discursiva identificada – pelos/as participantes dos grupos de discussão e em nossas leituras – percebemos o indiciamento para os valores das instituições mediáticas e das sociedades em que estão inseridas. Este processo evidenciou, mais uma vez, que a “aniquilação simbólica” das mulheres, denunciada há tanto tempo por Tchuman (2009), continua patente. Mesmo diante de uma audiência política e academicamente qualificada, estas ideologias são opacas e atravessam os sucessivos processos de produção dos textos jornalísticos, muitas vezes desconhecidos pelos/as leitores/as não familiarizadas/os com as engrenagens dos media.

Por este motivo, partilhamos da apreciação de Correia (1995) que, ao discutir a literacia dos media, defende a necessária desmontagem dos discursos mediáticos como meio necessário para sua transformação em instrumentos de comunicação sensíveis às diferentes causas sociais, neste caso, às questões de gênero.

Assim, apenas se formos capazes de desconstruir os estereótipos e as hierarquias de gênero naturalizados nos e a partir dos media – quer seja num exercício de autoreflexividade ou num esforço para instrumentalizar outros/as leitores/as para desvendar os media – estaremos a contribuir efetivamente para uma comunicação assente nos pressupostos feministas.

5. Referências bibliográficas

- Barcelos, J.D. (2018). A foto jornalística como discurso e campo fértil de produção de sentidos. *Discursos Fotográficos*, 14(25), 113. <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2018v14n25p113>
- Byerly, C. M., & Ross, K. (2008). Women and Media: A Critical Introduction. In *Women and Media: A Critical Introduction*. <https://doi.org/10.1002/9780470774908>
- Charaudeau, P. (2010). *Discurso das Mídias*. Contexto
- Crenshaw, K. (2002). A Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Cruzamento: Raça e Gênero*, 7-16
- Fairclough, N., & Melo, I. F. de. (2013). Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. *Linha D'Água*, 25(2), 307. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329>
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres corpo e acumulação primitiva*. Editora Elefante, 235
- Francis, B. (2012). Gender monoglossia, gender heteroglossia: The potential of Bakhtin's work for re-conceptualising gender. *Journal of Gender Studies*, 21(1), 1-15. <https://doi.org/10.1080/09589236.2012.639174>
- Gill, R. (2017). Não queremos só mais bolo, queremos toda a padaria! *Matrizes*, 137-160
- Gill, R., & Toms, K. (2019). Trending now: Feminism, postfeminism, sexism, and misogyny in British journalism. In L. S. & S. A. Cynthia Carter (Ed.), *Journalism, gender and Power* (pp. 97-112). Routledge
- Givas, N. (2019). *Ocasio-Cortez continues Twitter spat with Trump, links GOP to white supremacy*. In Fox News, 15 de julho de 2019. <https://fxn.ws/3Lbfgpx>
- Hansen, A., & Machin, D. (2018). *Media and communication research methods*. Macmillan International Higher Education
- Happer, C., & Philo, G. (2016). New approaches to understanding the role of the news media in the formation of public attitudes and behaviours on climate change. *European Journal of Communication*, 31(2), 136-151
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados. *Cadernos Pagu*, (5), 07-41
- Lazar, M. (2007). Feminist Critical Discourse Analysis: Articulating a feminist discourse praxis. *Critical Discourse Studies*, 141-164
- Leuven, S. (2019). Churnalism. *The International Encyclopedia of Journalism Studies*, (2006), 1-5. <https://doi.org/10.1002/9781118841570.iejs0083>
- Minga, E. A. D. P. (2018). Além das “Mães de Bragança”: a estereotipização da mulher brasileira no jornalismo português. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, (7), 93-105. https://doi.org/10.14195/2183-6019_7_6
- Moreira, J. P. (2018). Brasil: eleições em tempos de cólera In Diário de Notícias, 07 de Outubro de 2018. <https://bit.ly/3scrXYy>
- Mulvey, L. (1983). Prazer Visual e Cinema Narrativo. In *A Experiência do Cinema. Col. Arte e Cultura, no 5 dos Anais ABRACE*. Rio de Janeiro: Edições Graal
- Philo, G. (2007). Can discourse analysis successfully explain the content of media and journalistic practice? *Journalism Studies*, 8(2), 175-196. <https://doi.org/10.1080/14616700601148804>
- Robinson, B.A. (2016). Heteronormativity and Homonormativity. *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies*, 1-3. <https://doi.org/10.1002/9781118663219.wbegss013>
- Ross, K., Boyle, K., Carter, C., & Ging, D. (2018). Women, Men and News: It's life, Jim, but not as we know it†. *Journalism Studies*, 19(6), 824-845. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1222884>
- Silva, M. V. da. (2010). *Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias*. 250. Retrieved from <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25629>
- Silveirinha, M. J. (1998). *O discurso feminista e os estudos dos media: em busca da ligação necessária*.
- Steiner, L. (2012). Failed Theories: Explaining Gender Difference in Journalism. *Review of Communication*, 12(3), 201-223. <https://doi.org/10.1080/15358593.2012.666559>
- Steiner, L. (2017). Gender and Journalism. *Oxford Research Encyclopedia of Communication*, (October), 1-23. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.91>
- Tuchman, G. (2009). Media, Gênero, Nichos. *Media & Jornalismo*, 15(8), 15-24
- Universa (2019). Mulheres se reúnem no 8 de março no Rio e criticam Bolsonaro In Uol, 08 de março de 2019. <https://bit.ly/3saLQ2c>
- Wolff, J. (2011). Recuperando a corporalidade. Feminismo e política do corpo. In *Gênero cultura visual e performance – Antologia Crítica*. Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM)

Elizângela Costa de Carvalho Noronha é estudante do Doutorado em Ciências da Comunicação na Universidade de Coimbra. É bolseira da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) e associada ao Centro de Investigação ICNova. Coordena o GMMP (Global Media Monitoring Project) no Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8341-2016>

Letícia Figueiredo Alves da Silva Campos é estudante de doutoramento em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra, mestra em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB)

e bacharela em Comunicação Social pela Uni-BH. Associada ao Centro de Estudos Centro Coimbra Portugal Interdisciplinares do Século XX. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3740-432X>

Rafaela Martins de Souza é doutoranda em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) – Portugal. Mestra pelo Programa de Pós Graduação Stricto Sensu Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (2018). Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (2012). Membro dos grupos OBSCOM/CEPOS, CUBO (UEL) e associada da ULEPICC-BRASIL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8400-1048>